

FALAR E SER OUVIDA DE CORPO INTEIRO: A ESCUTA CLÍNICA E O ENCONTRO DE MULHERES PRETAS

NATHANIELE COUTO DE AVILA¹; MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – coutonathy@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a escuta clínica a partir da articulação entre os conceitos de conversação e corporalidade, apostando no falar e ser ouvida de corpo inteiro no encontro entre mulheres pretas - psicóloga em formação e pessoa atendida. Emerge da experiência de estágio obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) que tem como ênfase a prevenção e promoção da saúde. O estágio foi realizado no projeto de extensão “Diz Aí: clínica feminista antirracista”, que tem como propósito a construção de espaços de escuta terapêutica, diálogo e empoderamento para pessoas cujo sofrimento psíquico está transversalizado por violências produzidas pelo racismo, sexismo e LGBTIA+fobia.

Para a construção do estudo, partimos de minhas experiências corpóreas enquanto estagiária preta de psicologia, durante a escuta clínica de corpos pretos, principalmente corpos de mulheres pretas cisgênero no serviço de Acolhimento do “Diz Aí”. A escuta terapêutica neste serviço parte da ideia de conversação da bell hooks (2020), tendo como foco a experiência e a possibilidade de nomeá-la de corpo inteiro no encontro entre mulheres pretas.

Ao passo de bell hooks (2020), apostamos na conversação, enquanto dispositivo de troca de compreensões e sentidos; ela se faz construtiva e inclusiva, na medida em que é mais do que falar, é sobre falar e ser ouvida. Nas palavras da autora: “todas as raças, classes e gêneros, todas as pessoas se envolvem em conversação” (hooks, 2020, p. 82). E nosso desafio é falar e ser ouvida de corpo interno.

POLAK (1997, p. 37) considera a corporalidade como mais que a materialidade do corpo, algo objetivo, a simples somatória de suas partes. Ela é contida em todas as dimensões humanas é o processo contínuo de redefinições. Ainda segundo o autor, ela é o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história.

A potencialidade do estudo está na possibilidade de oferecer à psicologia experiências encharcadas pelo ser e estar no mundo desde o lugar preto, desde a vivência clínica de mulheres pretas, para, quem sabe, subsidiarmos a edificação de uma clínica antirracista que consiga escutar o que é ser uma mulher preta em uma sociedade racista. Para tanto, lançamos mão da narrativa ficcional como possibilidade de produção de material empírico e de discussão teórica.

2. METODOLOGIA

Partindo do exercício de nos desvencilharmos das amarras que a escrita acadêmica nos impõe, encontramos em EVARISTO (2017), uma linha de fuga para a construção de uma escrita implicada com a experiência e encharcada de afetos, de

memórias, de corpo, de subjetividade. A literatura de Conceição Evaristo é tomada enquanto potência para a criação, invenção e posicionalidade de uma política de escrita. A autora nos ensina que a cabeça pensa a partir do lugar onde está fincado nossos pés EVARISTO (2017), deste modo, ao dar um passo atrás localizamos onde nossos pés estão fincados para assim refletirmos sobre as inquietações que nos atravessam na prática do serviço de Acolhimento do Diz Aí. Partimos dos meus movimentos corpóreos na escuta clínica enquanto uma mulher preta, jovem, acadêmica de psicologia, filha, irmã e mais diversos outros papéis que desempenho ao longo do dia.

Para dar corpo às nossas inquietações, utilizamos de narrativas ficcionais enquanto caminho para a problematização dos encontros e enunciação de histórias singulares que nos afetaram durante o exercício da escuta clínica. Inspiradas em EVARISTO (2017) e em COSTA (2014), tomamos a ficção como um dispositivo que tem a função de provocar a experiência, e não reproduzi-la ou narrá-la. Assim, para que a pessoa que nos lê sinta os afetos, as inquietações, os movimentos corpóreos e não somente as palavras escritas, tomamos a narrativa ficcional como caminho metodológico, permitindo-nos a complexificação do “objeto” de estudo, pois ao invés de isolarmos a descrições formais que o simplificam, damos potência às existências do nosso encontro com o outro e com o mundo. A narrativa ficcional nos permite tirar o sujeito de um papel inerte, dando relevo aos movimentos que se fazem sensíveis e perceptíveis na escuta clínica. Então, a ficção não será usada como verossímil de uma verdade, e sim enquanto ação movente de afectos que dêem corpo e realidade para esta produção, em sua relação com quem nos lê (COSTA, 2014).

As narrativas ficcionais aqui desenvolvidas e apresentadas em cenas emergem de conversações entre corpos pretos, regadas de afetos e afecções; partem, principalmente, da relação entre corpo, “tempo espiralar” (MARTINS, 2021) e dança enquanto movimento. Sem precisão e previsibilidade, vamos ao encontro de pistas para uma escuta clínica de corpo inteiro. O movimento, a dança, o corpo e o tempo são tomados enquanto a própria afirmação da existência, da (re)existência de corpos pretos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cena 1. Agnes estava sentada em sua cadeira quando Bianca chegou, ela então se levanta para recepcioná-la e as mulheres se encontram no meio da pista. Feito as devidas apresentações a dança começa um pouco tímida. Aos poucos, ao unirem as mãos para então começar a dança, Bianca se retrai, percebe a mão suando e a inquietação por começar a se movimentar. Depois de uns passos incertos, umas risadas soltas para tentar amenizar e descontraí-las, elas conseguem acertar o passo. Agnes, a mais experiente nessa dança, em certo momento deixa que Bianca guie os movimentos e quando ela percebe que esses movimentos são completamente inesperados e novos para ela, ao contrário do que pensou, entrega-se aos passos e se deixa conduzir completamente por Bianca. Ao chegar na metade da dança, Agnes interrompe os passos e faz com que o silêncio seja ouvido, em um primeiro momento esse silêncio foi de estranheza, o peso trazia consigo uma presença esmagadora, mas após um curto tempo o silêncio serviu para que as duas percebessem os passos que deram até o momento. Bianca ganhou confiança em dançar com Agnes. Quando retornam à dança, sem coreografia pré-definida, apenas alguns passos básicos que a Agnes pensou em mostrar para a Bianca, as duas caminham em cumplicidade e confiança, parecia que dançavam juntas há anos.

Ao chegar no final da dança, pacientemente, Agnes voltou para a sua cadeira e disse de maneira doce e acolhedora para a Bianca: — Chegamos ao final da sessão, te aguardo semana que vem.

O encontro terapêutico se dá de maneiras diversas, e esse foi descrito através de uma dança. Estar disponível e aceitar a conversação que se faz necessária para a escuta clínica é ansiogênico, pois a partir dela nos propomos a correr o risco onde não temos ponto de chegada e sim processos, e as transformações se dão ao longo desse caminho, derivado dos diversos processos. A corporeidade no serviço de Acolhimento do “Diz Ai”, nos remete a mais do que estar presentes fisicamente, temos também que ser presentes, buscando na fenomenologia achamos a pre-sença conceituada por Heidegger a qual carrega a ideia de movimento, devir, de modo que “o mundo da pre-sença é sempre o mundo da co-presença; é um mundo já compartilhado com o outro de existência plural” (ANCONA-LOPEZ, 1996).

O Acolhimento é vivo, produz diversas potências que se formam através da escuta. O acolher vem como uma dança calma com movimentos seguidos do vento, do tempo espiralar de MARTINS (2021); nesse processo traçamos movimentos singulares, ora intuitivos, ora planejados, e abrimos mão dos nossos limites para dançar com o outro, para transbordar com o outro. O acolher é íntimo, poético e sensível, construído na relação.

Cena 2: Sônia era uma frequentadora quinzenal do serviço de Acolhimento, usava o espaço sempre que sentia que precisava. Nos acolhimentos sempre ocorriam boas trocas. Mulher preta, transgênero e jovem, Sônia esbanjava simpatia e disponibilidade para todos menos para ela mesma. Com o desenrolar dos encontros Sônia conta o quão cansada está de sempre precisar batalhar o dobro para ter o mínimo. Agnes escuta e observa a fala de Sônia se desenrolar, se emaranhar. Ao escutar Sônia, começa a perceber seu próprio corpo se emaranhar ao relato dela, que esbanjava sofrimento beirando a raiva, cansaço. Ela, diante de tais sentimentos paralisa, observa de perto a trajetória rápida e brusca que Sônia faz com as palavras, as pernas que ora queriam correr, ora estavam presas demais no relato para sequer pensar em correr...

Parada, Agnes permanece imersa em Sônia, ao que ela emite, transborda. Sente de maneira crua tudo o que ela quer passar, sente na própria carne a angústia, o desamparo e o cansaço. De modo automático, Agnes se encolhe na cadeira, retrai os braços, os cruza diante ao peito como forma de proteção, os joelhos se fecham e aproximam-se dos braços, como se estivesse quase em posição fetal. Quando Sônia vai concluindo a fala, Agnes se aproxima ainda de maneira confusa e rápida como uma emersão no meio do mar revolto. Agnes demonstra receio, parada sente como se tivesse tão imersa em Sônia que esquecera seus próprios passos de dança e estava se espelhando nela. Agnes era inexperiente, mas soube que teria que melhorar a postura e traçar os seus movimentos... Aos poucos ela levanta a cabeça, melhora a postura e estufa o peito, quando percebe que Sônia imersa na melancolia, Agnes a tira para dançar, a conduz nos movimentos, trazendo amparo, empatia e compreensão através do acolher, da conversação. “Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas” (hooks, 2020, p. 83). A conversação nos permite trilhar com o outro novas possibilidades de experiências, sustentando as implicações de um corpo transversalizado pela violência racista e

sexista. Dar espaço e possibilitar que o movimento desses corpos em sofrimento aconteçam é também conversação.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto entendemos que a escuta clínica se dá para além dos ouvidos, ela passa pelo corpo inteiro, pela expansão de nosso corpo-movimento-tempo no encontro com o outro. No processo de escuta clínica é preciso experimentar estar no entre o mundo da pre-sença e da co-presença, uma flutuação entre esses mundos que nos proporcionam movimentos singulares entre corporeidade e subjetividade.

Perceber o corpo implicado no processo terapêutico possibilita reconhecer que o conhecimento não está dado, ele é construído no encontro. Falo do conhecimento sobre nós mesmas, mulheres pretas, bem como do conhecimento sobre a prática profissional em psicologia, ou seja, sobre o cuidado com outro que pressupõe escutar para além de ouvir com os ouvidos, e sim com o corpo inteiro.

Consideramos que as reflexões aqui apresentadas, as conversação aqui sentidas, os corpos pretos aqui enunciados num tempo espiralar que rompe com a linearidade de pensar em sinais e sintomas, têm muito a contribuir com a formação em psicologia, com uma ética do cuidado a localização e a implicação dos sujeitos no mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCONA-LOPEZ, S. **A porta de entrada:** da entrevista de triagem à consulta psicológica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

COSTA, L.A. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, 26 (spe), 551-576, 2014.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita** – Ocupação Conceição Evaristo, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo, Editora Elefante, 2020.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** *Rio de Janeiro: Cobogó*, 2021.

POLAK, Y.N.B. O corpo como mediador da relação homem/mundo. **Texto & contexto enferm**, p. 29-43, 1997.